

Revista Adventista

A Educação Cristã no Lar

por W. R. BEACH

Presidente da Divisão Sul-Europeia

O lar é o elemento primordial da educação cristã. Há várias razões para isso, e as três que se seguem bastarão para convencer os meus leitores do bem fundado desta declaração.

Em primeiro lugar, é a acção da família que determina em larga medida o que as escolas serão capazes de realizar em favor das crianças e da juventude. Com efeito, o lar é o ponto de partida de toda a educação. São os pais os primeiros que formam, moldam e conduzem as mãos, o pensamento e a alma das crianças. A medida que a civilização complicou a engrenagem da sociedade e que a família deixou os seus deveres interiores para levar a sua actividade para o exterior, teve de se desembaraçar do seu trabalho de educação. Hoje confia-se largamente às escolas a obra da educação. Não se poderia dizer que o primeiro objectivo da educação cristã é voltar a pôr em seu lugar de honra a obra educadora dos pais?

Depois, o lar, pela natureza da organização social, exerce sobre a criança uma influência efectiva muito mais importante que a da escola. O Doutor A. Ferrière estabeleceu um cálculo interessante a este propósito.

A educação da primeira infância (até à idade de 5 anos) é feita em geral exclusivamente pelos pais. Isso representa 25.000 horas de influência efectiva (deduzidas as horas de sono). No curso dos dez anos que se seguem, a criança passa em média cinco horas por dia na escola, ou seja, 1.500 horas por ano de 300 dias, e 15.000 horas ao todo. Resta à família, durante esses anos de frequência da escola, 72.000 horas, das quais convém deduzir 32.000 horas de sono (9 por noite). Este cálculo permite inscrever no activo da influência familiar 65.000 horas contra 15.000 para a escola.

E não é tudo. O Doutor Ferrière lembra com razão que a escola não dispõe senão de um professor para trinta a cinquenta crianças. Sua conclusão é que a escola age,

em comparação com a família, como 300 para 32.500 ou como 1 para 108. Noutros termos, as crianças recebem cem vezes mais da sua família do que da escola! Poderá negar-se, pois, a necessidade de introduzir os princípios de educação cristã no seio do lar?

Finalmente, a família dispõe para agir sobre a criança de meios dos quais a escola ou qualquer outra organização nunca poderia ser mais do que um substituto imperfeito e incompleto. Uma das maravilhas da família é que tudo nela está disposto para formar a criança para a prática do dever e disciplinar a sua vontade nascente. No lar, a criança aprende exercitando-se a amar.

A família coloca além disso sobre os seus olhos a lição do exemplo que traduz em actos vivos e concretos a fórmula abstrata do dever. Ora, dificilmente se poderia exagerar a importância do exemplo como instrumento de educação. Não tendo muito que olhar em si mesma, a criança olha em volta de si. Não tendo bastante discernimento para escolher entre o bem e o mal, aceita indiferentemente um ou outro e imita sobretudo o que tem mais frequentemente debaixo dos olhos.

Deve pois apreciar-se o poder do exemplo num lar em que fidelidade no amor e consagração na fidelidade, escrupuloso cumprimento do dever, coragem no trabalho, honestidade nas palavras e probidade nas relações, esquecimento de si próprio, modesta simplicidade no sacrifício e por vezes no heroísmo são outras tantas virtudes de grande preço. Tudo isso, a vida de cada dia apresenta aos olhos da criança, enquanto, espontaneamente, tenta e depois se acostuma aos mesmos gestos.

Qual será pois o programa do ensino no lar?

É muito vasto e compreende em primeiro lugar o ensino moral e religioso. A primeira ideia que a criança faz de Deus é determinada por suas relações com o pai e a mãe. As primeiras noções de domínio próprio, de obediência, de sacrifício, de veracidade, de modéstia, que recebe, dependem também do lar.

Para os auxiliar na sua tarefa, os pais dispõem de dois livros maravilhosos: a Bíblia e a natureza. Eles têm ao seu serviço duas instituições magníficas: o culto de família e a observância do Sábado.

O programa escolar da família compreende igualmente as regras da saúde, entre as quais as que dizem respeito à limpeza e à alimentação ocupam o primeiro plano. O princípio da regularidade será inculcado às crianças desde a sua mais tenra idade. Devem aprender igualmente em virtude de que princípios suas famílias escolhem certos alimentos de preferência a outros.

Um ponto que não se deve esquecer, é que a saúde das crianças depende em larga medida dos conselhos que se lhes tenha dado sobre a vida sexual. Não há negligência mais grave nos pais do que deixar os filhos na ignorância dos problemas da vida.

Um homem é educado quando é capaz de empreender alguma coisa e de realizar o que empreende. Educar a criança não consiste pois em enviá-la apenas à escola com regularidade e em ver que ela passe normalmente de uma classe para outra: é necessário que ao lado dos conhecimentos

teóricos ela adquira igualmente senso prático, hábitos de trabalho e de aplicação. A formação prática da criança não deve ser deixada ao acaso. Os pais devem fazer com muito tempo de antecedência todos os planos necessários e usar de paciência quando se impuser a sua aplicação.

Eis em resumo o programa escolar do lar. Ele engloba, como se vê, tanto o domínio físico como o da inteligência; tanto a vida social como a vida espiritual, e estende-se felizmente por um período de cerca de vinte anos.

Quanto mais desenvolvidos são os animais, tanto mais eles instruem a sua prole. Os próprios pássaros e os mamíferos têm certas maneiras de mostrar aos seus filhos a maneira de se comportarem na vida. Mas esta educação animal termina depressa. No homem, pelo contrário, Deus dispôs as coisas de tal maneira que a infância seja mais longa e mais longa ainda o tempo consagrado à educação. É necessário à criança um ano para aprender a andar, dois anos para se pôr a falar, cinco para dar conta de que há um mundo em volta de sua casa. É-lhe necessário atingir vinte anos para poder dispensar o governo dos pais e trinta para atingir a maturidade completa. É durante este período que os pais têm ocasião de instruir seus filhos, de lhes inculcar o segredo do sucesso, o meio de ser úteis e de lhes assegurar a felicidade na terra e na eternidade.

É por isso que a educação cristã faz do lar uma escola não só para as crianças, mas também para os pais.

Diversões perigosas para jovens e adultos

por E. G. WHITE

O desejo de sensação e de entretenimentos aprazíveis constitui uma tentação e um laço para o povo de Deus, e em especial para os jovens. Satanás arranja continuamente engodos para desviar a mente da obra solene de preparação para as cenas que se acham em próximo futuro. Por meio dos mundanos, ele mantém incessante excitação a fim de induzir os incautos a tomarem parte nos prazeres mundanos. Há cinemas, conferências e uma variedade infundável de entretenimentos calculados a induzir as pessoas ao amor do mundo;

e mediante essa união com o mundo se enfraquece a fé.

Satanás é um obreiro perseverante, inimigo astucioso e mortal. Quando quer que seja proferida uma palavra de lisonja, seja de molde a induzir um jovem a considerar algum pecado com menos aversão, ele se aproveita disso, e nutre a má semente de modo a que se arraigue e produza farta messe. É, em todo o sentido da palavra, um enganador, um hábil em encantamento. Tem muitas redes finamente tecidas, as quais parecem inocentes, mas são habilmente preparadas para enredar os jovens e os incautos. A mente natural tende para o prazer e a satisfação dos próprios dese-

jos. É a tática do inimigo preparar quantidade dessas coisas. Procura encher o espírito do desejo de diversões mundanas, pois assim não haverá tempo para a inter-rogação: Como vai a minha alma?

Vivemos numa época infeliz para a juventude. A influência dominante na sociedade é em favor de permitir que os jovens sigam a sua inclinação natural. Se os filhos são muito desenfreados, os pais se lisonjeam com a ideia de que, quando forem mais velhos e raciocinarem por si mesmos, abandonarão os maus hábitos, e se tornarão homens e mulheres úteis. Que engano! Eles permitem durante anos que o inimigo lhes semeie o jardim do coração, e toleram que aí germinem e medrem princípios errados, parecendo não discernir os ocultos perigos e o terrível fim da vereda que se lhes afigura o caminho da felicidade. Em muitos casos, todo o trabalho que se tenha posteriormente com esses jovens, de nada valerá.

Baixa norma de piedade

A norma de piedade é baixa entre os cristãos em geral, e difícil é para os jovens resistirem às influências mundanas animadas por muitos membros da igreja. A maioria dos cristãos nominais, ao mesmo tempo que professam viver para Cristo, estão em verdade vivendo para o mundo. Não discernem a excelência das coisas celestiais, e portanto não as podem amar verdadeiramente. Muitos professam ser cristãos porque o cristianismo é considerado honroso. Não percebem que ele, se genuíno, importa em carregar a cruz, e pouca influência exerce a sua religião em refreá-los de tomarem parte nos prazeres mundanos.

Alguns podem entrar no salão de baile, e associarem-se em todos os divertimentos que ele oferece. Outros não podem ir tão longe; todavia vão a piqueniques, cinemas e outros lugares de diversão mundana; e o olhar mais arguto deixaria de apanhar qualquer diferença entre o aspecto deles e o dos incrédulos.

No estado actual da sociedade, não é fácil tarefa para os pais refrearem os filhos, e instruí-los segundo a regra bíblica do direito. Os filhos ficam muitas vezes impacientes sob a restrição, e desejam fazer a própria vontade, e ir e vir segundo lhes aprouver. Especialmente da idade dos dez aos dezoito anos, inclinam-se a pensar que não há mal em ir a reuniões mundanas

de jovens companheiros. Os pais cristãos experientes, porém, podem ver o perigo. Estão familiarizados com o temperamento dos filhos, sabem qual é a influência dessas coisas sobre o espírito deles; e, pelo desejo que têm da sua salvação, devem guardá-los dessas diversões excitantes.

Um tempo de prova diante dos jovens

Quando os filhos resolvem por si mesmos deixar os prazeres do mundo, e tornarem-se discípulos de Cristo, que peso é tirado do coração dos pais cuidadosos, fiéis. Todavia mesmo então não deve cessar o seu esforço. Esses jovens estão apenas principiando deveras a luta contra o pecado e contra os males do coração natural, e precisam de modo especial dos conselhos e vigilância dos seus progenitores.

Os jovens observadores do sábado que têm cedido à influência do mundo, terão de ser provados. Acham-se sobre nós os perigos dos últimos dias, e está diante dos jovens uma prova que muitos não têm antecipado. Serão metidos em aflições e perplexidade, e provar-se-á a genuidade da sua fé. Professam esperar o Filho do homem: não obstante alguns deles dão deplorável exemplo aos incrédulos. Não têm querido abandonar o mundo, mas unir-se com ele em piqueniques e outras reuniões de prazer, lisonjeando-se de estarem tomando parte numa distracção inocente. São todavia tais condescendências que os separam de Deus, e os tornam filhos do mundo.

Inclinando-se para o mundo

Alguns inclinam-se constantemente para o mundo. Seus pontos de vista e sentimentos harmonizam-se melhor com o espírito do mundo do que com os abnegados seguidores de Cristo. É perfeitamente natural que eles prefiram a companhia daqueles cujo espírito melhor se coaduna com o deles próprios. E esses tais exercem muitíssima influência entre o povo de Deus. Tomam parte com eles e têm o seu nome entre eles; e servem de tema para os incrédulos, e para os fracos e inconsagrados na igreja. Nesse tempo de refinação, esses professos, ou se converterão inteiramente e serão santificados pela obediência à verdade, ou ficarão com o mundo, para receber a sua recompensa com os mundanos.

Deus não reconhece como Seu seguidor o caçador de prazeres. Unicamente os

Portugal e o Centenário da Escola Sabatina

Muito foi já o que se escreveu este ano na nossa Revista à cerca do centenário da Escola Sabatina, e, mais ainda ficou por dizer sobre tão importante acontecimento relacionado com a Causa de Deus no mundo.

Não é, porém, nosso intento ou pretensão, ao coligir as presentes linhas, encontrar melhores palavras do que as que têm sido ditas, para encarecer o elevado significado do centenário da universal academia adventista. Certamente não haverá revista, boletim ou simples circular que neste ano de 1952 e em todo o mundo adventista não tenha dedicado mensalmente páginas inteiras ao assunto incitando cada oficial, cada membro da Escola Sabatina, a responder ao repto que lhes é lançado, de fazer de 1952, com a ajuda de Deus, o ano mais glorioso da história da Escola Sabatina.

O eco que nos vem daqui e dali, no campo mundial, traz-nos as mais comovedoras notícias. Da Divisão Sul-Americana, por exemplo, chega-nos a notícia, que «La Revista Adventista» dedicou o seu número de Março inteiramente ao Centenário da Escola Sabatina. Segundo se depreende, o que os nossos Irmãos nessa grande Divisão pretendem, é animar cada membro da Escola Sabatina a ganhar, pelo menos, um *aluno* para a sua Escola, pois têm um alvo de *cem mil* alunos no ano centenário. Que grande e gloriosa tarefa.

Volvamos agora os nossos olhos para o nosso pequeno campo da União Portuguesa. Em que altura estamos nós no meado deste ano centenário, que coincide também, mais ou menos, com meio século de existência da Escola Sabatina em Portugal?

Para podermos avaliar os progressos, que nos revelam os relatórios, em número de membros, assistência, ofertas e baptismos de membros da Escola Sabatina, damos a seguir um quadro comparativo entre 1952 e 1949:

	Escolas	Membros	Frequência
2.º trimestre 1952...	37	2.660	2.304
2.º trimestre 1949...	27	1.397	1.209
	Ofertas dos 12 Sábados	Ofertas do 13.º Sábado	
Recebido no 1.º sem. 1952	33.624\$35	11.663\$50	
Recebido no 1.º sem. 1949	25.135\$40	7.964\$90	

Membros da Escola Sabatina baptizados:

No 1.º semestre de 1952	124
No 1.º semestre de 1949	118

Progresso em todas as Igrejas

Não nos permite o espaço dizer do entusiasmo que vai pelas Igrejas no desejo de fazer progredir as suas Escolas Sabinas.

O que temos visto em nossas recentes visitas a algumas Escolas Sabinas e o que doutras sabemos pelas notícias que os respectivos directores têm tido a gentileza de nos enviar, muito nos tem ajudado a confiar que este ano do Centenário será, não somente o melhor, porque já o é, da história da Escola Sabatina em Portugal, mas sobretudo o ponto de partida para um maior incremento na obra de evangelização na União Portuguesa.

Alguns testemunhos

Muito difícil será dizer qual das secções da Escola Sabatina é a mais importante, se a das classes de adultos ou das crianças que têm lugar na Igreja cada Sábado; se as escolas anexas ou as escolas bíblicas que se realizam em qualquer parte fora da Igreja, ou, ainda, o Departamento do Lar, na maior parte dos casos, composto apenas por um indivíduo que estuda sozinho no silêncio do seu quarto, por vezes até às escondidas dos membros da família que não participam do seu ideal.

Em contacto aqui com a sede do Departamento da Escola Sabatina temos aproximadamente 140 alunos do Departamento do Lar. Dentre todos os que nos escrevem dando o seu testemunho de apreço pelos benefícios espirituais que a Escola Sabatina tem prestado, dois há, cujas palavras bastante nos sensibilizam e que não podemos furtar-nos ao prazer de transcrever aqui para alegria dos prezados irmãos membros da Escola Sabatina.

Palavras de um aluno da província:

«Com as minhas cordiais saudações cristãs, informo que estou de posse do livro das lições para o 3.º trimestre...

«Foi com muito prazer e interesse que estudei todas as matérias dos dois livrinhos dos trimestres precedentes, sobre as

Epístolas do Apóstolo Pedro, e cujo estudo foi muito salutar ao meu progresso espiritual».

Palavras de um aluno de Lisboa:

«Caros amigos e Irmãos no Senhor:

...Mais uma vez me confesso muito grato pelo conforto espiritual que tenho recebido por intermédio das vossas lições.

«Por intermédio da Escola Sabatina, Departamento do Lar, meu espírito tem recebido ensinamentos os quais me têm proporcionado ir modificando o meu «carácter» de acordo com os Santos Evangelhos. Podem crer que minha maneira de viver está-se modificando gradualmente, à proporção que vou recebendo «LUZ»... Tenho a necessária calma para enfrentar dificuldades e solucioná-las com prudência. Desde há tempos que não tomo qualquer «calmante» como tanta vez o médico me receitou. Na alimentação também fiz reformas pois abandonei o álcool, reduzi a carne e deixei de fumar, mas apesar de todas estas regenerações ainda reconheço que tenho de lutar bastante para me aproximar, de longe que seja, da pureza espiritual... Sentindo-me ainda tão frágil na Fé Cristã, procuro nas minhas orações pedir a Deus as Suas bênçãos e que os Seus

Santos Anjos me ajudem na minha ascensão espiritual».

Terminado este pequeno relatório, desejamos agradecer a todos os prezados colaboradores na Escola Sabatina, pelo interesse e zelo por vós manifestados em fazer progredir cada secção. Os números mencionados neste relatório são prova clara e inconfundível da maneira como cada um se tem lançado na conquista de alunos para a sua Escola, e no substancial aumento das ofertas.

Certamente que nenhum prezado obreiro ou oficial da Escola Sabatina esquece que, embora seja difícil e mesmo impossível fazer de cada alma com quem entra em contacto imediatamente um membro da Igreja, podemos no entanto torná-la aluno da Escola Sabatina e, dado esse passo, o outro, o mais difícil, seguir-se-á talvez mais depressa e também mais seguro, pois que está ainda de pé o que tantas vezes temos afirmado, que um bom membro da Escola Sabatina será sempre um bom membro da Igreja e este, com mais evidência o temos visto, nunca deixa de pugnar pelos interesses daquela que lhe serviu de mestra e guia para as fontes da «Água da Vida».

P. Brito Ribeiro

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS DE JUNHO DE 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	798	2.465\$00	3.490\$00	5.955\$00
José E. Santos	93	2.190\$00		2.190\$00
Maria L. Saboga	140		2.160\$00	2.160\$00
Isaias da Silva	105	2.100\$00		2.100\$00
Orlando T. Costa	81	1.810\$00		1.810\$00
Jaime Camacho	69	1.560\$00		1.560\$00
Adelino N. Diogo	151	1.410\$00		1.410\$00
João António	136	1.190\$00	110\$00	1.300\$00
Diversos	120	900\$00	400\$00	1.300\$00
Idalina Ferreira	76		1.110\$00	1.110\$00
Júlia Costa	75		1.015\$00	1.015\$00
Laura Fernandes	140		795\$00	795\$00
Américo Rodrigues	24	480\$00		480\$00
João J. Nobre	52	570\$00	75\$00	645\$00
Júlia Sanches	117		445\$00	445\$00
Flora Saramago	45		315\$00	315\$00
José da Costa	34	510\$00	100\$00	610\$00
Clemente Sales	6	450\$00		450\$00
Anselmo Jesus	27	240\$00		240\$00
	2.289	15.875\$00	10.015\$00	25.890\$00

Fernando Mendes

Através do Mundo Adventista

O Seminário Adventista da Itália

Estamos profundamente gratos a Deus e aos nossos numerosos membros espalhados por todo o mundo pelo que foi feito durante os primeiros doze anos do Seminário Italiano.

Em 1940 a União Italiana pôs alguns dos seus escritórios à nossa disposição, a fim de que a escola pudesse começar a sua actividade. Vieram então os difíceis anos de guerra. De um modo providencial Deus enviou-nos carvão, arroz e ervilhas secas. Quando ao nosso redor caíam bombas e os soldados combatiam perto, Deus protegia-nos. Quando chegaram as primeiras tropas aliadas os nossos irmãos que se encontravam no exército trouxeram-nos, com o conforto da sua afeição fraternal, pão, farinha e até velas, que na altura eram muito úteis.

Finalmente terminou a guerra. Vieram jovens para a nossa escola a fim de se prepararem para o serviço do Senhor, enquanto por toda a parte no nosso País de quarenta e sete milhões de habitantes se abriam portas para a mensagem. Convencidos da necessidade da nossa escola, os dirigentes da Conferência Geral e o Conselho da Divisão Sul-Europeia apresentaram-nos com um avultado donativo. Assim se comprou a bela Vila Aurora. É rodeada por um magnífico parque e por cerca de vinte hectares de terreno, num local esplêndido para uma escola missionária, numa colina, apenas a vinte minutos de autocarro do centro de Florença.

Em 1947 os professores e alunos do Colégio de Walla Walla lembraram-se da sua «irmãzinha» da Itália e enviaram-nos como presente do Natal certa importância que foi usada para comprar o equipamento necessário para a capela, os dormitórios e a sala de jantar. Também conseguimos comprar um piano, um prelo e outras coisas úteis; pudemos até montar um sistema transmissor com altofalante. Depois sentiu-se a necessidade de um registador de som. Perguntámos se não haveria na América uma escola que nos quisesse vender um barato em segunda mão. Em resposta ao nosso pedido o Emmanuel Missionary College enviou-nos um aparelho novo.

Ao viajarem pela Itália vários amigos da América têm tido a oportunidade de

nos visitar. Alguns deles têm-se lembrado da escola italiana do modo mais amável, auxiliando alguns estudantes mais necessitados. Assim muitos dos nossos jovens receberam vestuário e outros artigos, como penhor de genuíno amor fraternal por parte desses membros americanos.

Desejamos exprimir nestas linhas a mais profunda gratidão para com todos que, duma maneira ou doutra, nos auxiliaram.

O último sinal de interesse em favor da nossa instituição veio dos amigos da Suíça. A sua dádiva permitiu-nos comprar novas cadeiras para a nossa sala de jantar.

Todos os membros da grande família adventista através de todo o mundo apreciarão sem dúvida saber que, graças a Deus e ao seu cuidado, esta escola pôde preparar durante estes doze anos mais de trinta obreiros quer na actividade de evangelização quer na obra de departamentos. Isto representa mais de cinquenta por cento do número total de obreiros da União Italiana. — *G. Cupertino.*

Acampamentos de M. V. na Alemanha

Os dirigentes dos jovens na Alemanha organizaram 78 acampamentos de M. V. em 1951, com uma assistência total de 9.643 jovens alemães. O maior número destes acampamentos foi para jovens com mais de 15 anos, tendo predominado os assuntos espirituais.

W. Raecker, secretário dos M. V. da Divisão, diz que profundas impressões foram feitas sobre as vidas desses jovens durante os acampamentos. Dezenas estão pedindo o baptismo. Em 1951 houve 260 que se inscreveram nas classes baptismais e 61 baptizaram-se nos acampamentos.

Estas actividades ao ar livre estão trazendo grande encorajamento à nossa juventude da Alemanha. — *L. A. Skinner.*

Mil e quinhentos baptizados num dia

F. G. Clifford, secretário da Divisão Sul-Africana, enviou para Washington o seguinte telegrama: «União Congo relata 1.563 crentes baptizados dia Sábado 24 Maio». Estas alegres novas garantem-nos que o Evangelho é ainda o poder de Deus para salvação, e que na distante África

a tríplice mensagem está preparando homens e mulheres para o dia de Jesus Cristo.

A mensagem adventista em Goa

Acaba de se fixar em Goa o primeiro

missionário adventista — Pastor R. E. Colthurst. Ficamos alegres em saber que essa longínqua parcela do mundo português vai também receber o convite do Evangelho para esta hora solene. Que o Senhor abençoe grandemente os esforços do nosso irmão pioneiro.

Sebastião e Joaquim

Há mais de 60 anos que numa aldeia da província do Douro, chamada Vila Meã, um colportor da Sociedade Bíblica Britânica vendeu uma Bíblia a um tal Joaquim. Encantado com a leitura, Joaquim foi mostrá-la a Sebastião, seu irmão de sangue. Alguns dias depois, Sebastião comprou uma ao mesmo colportor.

Os dois irmãos ficaram surpreendidos de verem que na Bíblia está escrito uma coisa e na igreja romana a que eles pertenciam fazia-se e dizia-se outra coisa bem diferente, mesmo oposta. Pediram esclarecimentos ao padre, mas o padre não lhe achou resposta, foi mesmo franco, dizendo que tinha frequentado o Seminário e feito seus exames, mas que da Bíblia não conhecia grande coisa. «Deixem-me ficar o livro, disse o padre, que o quero ver»; e foi com o livro consultar certos colegas. Dias depois o livro foi devolvido com a recomendação de ser queimado, que eram doutrinas de Lutero que pululavam pela aldeia.

Mas os dois irmãos não se deram por convencidos com tais decisões e pediram um confronto com a Bíblia Católica. Esse confronto foi feito na Biblioteca Nacional do Porto.

As Bíblias dos dois irmãos, a Bíblia da tradução e edição católica de Figueiredo, foram ali postas frente a frente, lidas e examinadas. A conclusão foi decisiva. Na tradução e edição católica não havia nada que não estivesse textualmente escrito nas Bíblias de Joaquim e Sebastião. Depois desse exame, ficaram penetrados que entre as doutrinas romanas e a Bíblia existia um contraste flagrante. Resolveram seguir as doutrinas bíblicas e não mais voltaram à igreja.

Pela aldeia chamavam-lhe os «maçônicos», filiados numa seita secreta para a destruição dos «santinhos» e da igreja.

Num inverno, em casa de Joaquim, alta

noite, quando toda a família dormia, explodiu um cartucho de dinamite debaixo da porta. Dizia-se depois que tinha sido o sacristão para fazer medo aos «maçônicos».

Depois disto, uma década passada, conduz-nos a 1906. Nesta data o mesmo colportor, chamado Carmezim, que vendeu as Bíblias a Joaquim e Sebastião, é aluno da Escola do Salvador, no Porto, Rua do Bonfim, 24.

Ali pediu que aqueles dois homens fossem visitados e que as novas luzes, como ele lhe chamava, fossem apresentadas: a segunda vinda de Jesus e o Sábado.

Lá foram em pleno mês de Agosto e depois de haverem percorrido 60 quilómetros de comboio lá chegaram de surpresa.

— Então, que há de novo, Carmezim?

— De novo há novas luzes: a segunda vinda de Jesus está próxima e o Sábado é o só, o único, o verdadeiro dia de repouso santificado.

As novas luzes foram examinadas em mangas de camisa em Vila Meã, freguesia de Alaíde, em casa de Sebastião de Sá Pereira Lago, num quintal, debaixo duma ramada. Os dois irmãos, que tinham a Bíblia em alta estima e a consideravam como sendo a Palavra de Deus Inspirada, não fizeram oposição. Depois dum livre exame, aceitaram as novas luzes. Uma Escola Sabatina foi constituída em casa de Sebastião, três pessoas foram baptizadas. Sebastião, Joaquim e a mãe dos dois, uma senhora de 96 anos. Há já muito tempo que morreram. Enquanto viveu, Sebastião pediu que quando morresse lhe colocassem uma lápide em cima da sepultura com o texto de Mat. 7:13.

No Porto, no cemitério de Paranhos, no jazigo da família Sá Pereira de Lago, sobre a lage de Joaquim, está escrito o texto de Job 19:25.

Assim morreram aqueles dois homens lamentando que as sublimes doutrinas de Jesus encontrem tantas oposições, mas resignados na esperança da vinda de Jesus, na ressurreição dos justos e na Vida Eterna.

Actualmente em Vila Meã, terra natal de Sebastião e Joaquim, existe uma escola Sabatina de 15 membros, que esperam com fé a Vinda do Grande Rei.

João de Sá Pereira de Lago

O Movimento Adventista em S. Tomé

A impressão mais duradoira que recebemos ao passar alguns dias nesta ilha é a que se refere à sua luxuriante vegetação. Ao contrário do que sucede em Cabo Verde, difficilmente se encontrará pedaço de terra que não seja cultivado por plantas mais ou menos rendosas — os coqueiros e palmeiras, entre as quais se destaca a dendém, donde se extrai o óleo de palma e a coconote; as fruteiras, que produzem a fruta-pão; as papaveiras, as bananeiras e os ananases; os cacoeiros e os cafeseiros; as caneleiras, quineiras, moscadeiras e uma infinidade de outras árvores e arbustos. Tratando-se em geral de plantas de alto valor para exportação, compreende-se que a ilha tenha uma economia próspera.

Acima, porém, de considerações de ordem económica, sobressai o conjunto das suas belezas naturais. Ao atravessar as suas matas cerradas, logo a dois passos da cidade e sobretudo no interior da ilha, surgem, perante os nossos olhos enlevados, aspectos de inconfundível beleza. Quem poderá, por exemplo, esquecer o cenário da cascata de S. Nicolau? Quem não experimentará uma sensação estranha ao percorrer, nestas frescas noites de gravana, os caminhos do interior, orlados pelo brilhante aço escuro dos caules das bananeiras iluminados pelo reflexo dos faróis do automóvel? Quem não apreciará, do cimo de algumas roças, o panorama inesquecível das flores e hortaliças europeias cercadas pela sempre dominante vegetação equatorial, que se estende até ao sereno mar azul?

Mas o valor económico dos seus produtos e a riqueza estética dos seus aspectos ocupam um plano secundário em relação ao interesse que nos oferecem os seus 60.000 habitantes — almas por quem Cristo morreu e a quem deseja salvar.

E não foi como comerciante nem como

artista que visitámos S. Tomé no passado mês de Junho, mas como ministro do Evangelho para quem a salvação das almas é o alvo supremo.

Um pouco de história

Antes de pormos os pés na ilha, já o Pastor Eliseu Miranda nos ia abraçar ao vapor, conduzindo-nos depois à sede da Missão, na Avenida António José de Almeida, amplo edifício que representa congnadamente o Movimento Adventista em S. Tomé. O seu jardim primorosamente cultivado é hoje o mais florido recanto da cidade e, como tal, objecto de admiração e apreço. Do mesmo apreço é objecto o nosso trabalho. Estamos persuadidos de que, dentro da União Portuguesa, é esta a Missão que mais simpatia goza por parte do público.

Estabelecido através da colportagem o primeiro contacto em 1936, foi dois anos depois que para aqui veio o primeiro missionário, José Freire. Em Fevereiro de 1939, o Pastor W. R. Beach visitava a ilha e celebrava os primeiros baptismos. Em 1941, chegou o Pastor José Simões Grave, que aqui trabalhou até 1947, ajudado desde o fim de 1943 a meados de 1945 pelo Ir. Arlindo Miranda.

Em Setembro de 1947 chegava a S. Tomé o Pastor Eliseu Miranda, que desde essa data se encontra à frente do trabalho nesta Missão. De Fevereiro de 1951 a Maio de 1952 foi auxiliado pelo Irmão José Abella, infelizmente obrigado a regressar à Metrópole por grave doença de seu filho.

A Escola Primária

Em 1950 fez-se o censo da população, cujos resultado apenas agora começam a ser conhecidos. Foi com grande surpresa

que verificámos o número extraordinário de pessoas que declararam pertencer à igreja adventista — nada menos de 953. É certo que se encontram trabalhando como serviçais nas roças muitos adventistas vindos de Angola, mas acreditamos que numerosas pessoas declararam pertencer à Igreja Adventista sem serem membros baptizados. Quer se trate de membros ou não, este número constitue um inexplorado e vasto campo de actividade para a nossa obra missionária na Ilha.

Figuram no registo da Missão de S. Tomé 197 membros baptizados. Não são muitos os que residem na cidade própria dita, habitando porém grande número nos arredores. Entre estes membros encontram-se sete, cujos baptismos tivemos o privilégio de presenciar no dia 28 de Junho.

Durante os dias que na Ilha permanecemos, tivemos oportunidade de falar em diversos locais onde habitualmente se prega o Evangelho — na Trindade, onde temos um grupo de 30 membros, a cargo do catequista Irmão Aníbal de Castro; em S. Amaro, onde o mesmo irmão tem um grupo de interessados; no Bombom, a três quilómetros da cidade, onde residem uns 45 membros; no Caixão Grande, em Santana e nas Almas, onde diversos irmãos voluntariamente pregam o Evangelho.

Com o novo carro da Missão, o Pastor Eliseu Miranda está planeando efectuar um trabalho mais intenso nestes dispersos lugares.

Não tivemos oportunidade de visitar a Ilha do Príncipe, onde há um pequeno grupo de membros e onde tem trabalhado até ao presente o catequista Irmão Atanásio Cupertino.

Não está isenta de dificuldades a obra de evangelização em S. Tomé. A organização do trabalho, cada vez menos independente, torna a observância do Sábado dia a dia mais difícil, diríamos até, por vezes humanamente impossível. Mas os nossos membros mantêm-se firmes no meio das suas dificuldades.

Constituem igualmente um obstáculo os hábitos prevalecentes acerca da organização da família. Segundo estatística oficial, apenas cerca de 10 % da população têm a família legitimamente constituída. Não foi sem emoção que lemos o caso de certa jovem, membro de igreja, que para se manter pura foi há anos tão cruelmente maltratada e golpeada que teve de re-

colher ao hospital em perigo de vida. Estamos certos de que se trata de um caso inédito nesta ilha.

É notável a fidelidade dos nossos membros no capítulo de dizimos e a sua generosidade nas ofertas.

Eis uma observação interessante relacionada com a Escola Sabatina. A Escola Sabatina da cidade conta 100 membros. No Sábado anterior àquele em que tomei estes números, estavam presentes 99 membros, com 62 estudando diariamente. A oferta rendeu 76\$50. O alvo nessa altura do trimestre era de 550\$00 e estavam alcançados 801\$60. Cada membro tem um envelope onde vai juntando suas achegas para o 13.º Sábado. O alvo para o 13.º Sábado é positivamente elevado — 500\$00. Graças a estes envelopes ele é sempre ultrapassado.

Em certo Sábado, tivemos o prazer de ver na nossa igreja da cidade a Irmã Elvira Santiago, membro da igreja de Lisboa, actualmente em S. Tomé, que vive numa roça do interior da ilha, e ali dá testemunho da Mensagem.

A população branca não costuma assistir às nossas reuniões, mas simpatiza em geral com o nosso trabalho. É prova de que afirmamos o bom acolhimento dado por altura da Campanha das Missões.

Merece especial menção o facto de que temos aqui perto de 200 assinantes de «Saúde e Lar», entre os quais Sua Excelência o Governador, que espontaneamente manifestou o desejo de a assinar.

O trabalho de evangelização

Uma das actividades mais conhecidas da nossa Missão é a sua Escola Primária.

Tendo começado a funcionar com alvará em 1946, no tempo da Irmã Capitolina Grave, nela têm trabalhado o Pastor Eliseu Miranda e sua Esposa, o Irmão José Augusto Silva Júnior e a Irmã Lucília Ferreira. Durante curtos intervalos ali leccionaram também os Irmãos Samuel José, que hoje se encontra em Moçambique, e o Irmão José Abella e Esposa.

O alvará actual está no nome do Irmão José Augusto, uma verdadeira vocação de professor. Levou este ano a exame 25 alunos da quarta classe, tendo ficado aprovados 24, ou seja, para a mesma classe, um quarto do número total da ilha.

Os seguintes números elucidam sufi-

cientemente acerca do âmbito de influência desta Escola:

Ano lectivo	Alunos inscritos	Passagens de classe	Aprovados nos exames
1946-47	55	4	2
1947-48	36	15	9
1948-49	63	22	18
1949-50	200	58	42
1950-51	257	67	58
1951-52	270	24	45
		190	174

Muitos destes alunos tornaram-se membros de igreja e em todos a influência da Mensagem deve ter-se feito sentir.

O grande problema da Escola é saber como reduzir o número de inscrições. Se fosse dada liberdade de admissão, inscrever-se-iam talvez para cima de 500 alunos. Mas mesmo os actuais são em número de-

masiado para a capacidade das salas e carteiras e para o número dos professores.

Um esforço maior vai ser realizado no sentido de estabelecer uma relação mais íntima entre a Escola e as actividades dos Missionários Voluntários e da Igreja. A partir do próximo ano os planos das Classes Progressivas farão parte do próprio programa escolar.

*
*
*

Ao terminar estas breves notas sobre a Missão de S. Tomé, estamos animados da mais franca confiança nos obreiros que ali trabalham e nos nossos fiéis membros de igreja.

As dificuldades da hora actual, longe de constituírem motivo de desânimo, tornam-se um incentivo para maiores esforços e para mais altas consecuições.

E. Ferreira

Escola da Missão de S. Tomé

Terminou no dia 13 de Junho o ano lectivo. Na nossa Escola matricularam-se durante o período escolar 270 alunos de ambos os sexos e a muitos tivemos que negar matrícula. Quanto aos resultados foram os seguintes: Nos exames de passagem de classe com a presença do Inspector Escolar, transitaram da 1.^a à 2.^a classe, 10 alunos; da 2.^a à 3.^a, 14. Nos exames do 1.^o grau (3.^a classe), ficaram aprovados 20 alunos e no do 2.^o grau (4.^a classe) 25 alunos. Salienciamos que a 4.^a classe apresentou a exame um quarto dos alunos propostos pelas escolas primárias de toda a Ilha.

Foi com grande alegria que vimos, neste ano lectivo, cinco alunos descerem às águas baptismas.

Continuamos a defrontar algumas dificuldades na parte educativa. As traparigas e rapazes são-tomenses vivem num ambiente desfavorável à sua formação moral e espiritual, devido à má constituição da Família.

A criança pode sair da Escola com conhecimentos, mas não basta saber; é necessário orientá-la e dirigi-la na sua vida, aliar a instrução à educação porque uma criança instruída sem educação fica incompleta.

Escrevia a irmã White: «Uma educação provê mais do que disciplina mental; provê mais do que adestramento físico. Fortalece o carácter de modo que a verdade e a rectidão não sejam sacrificadas ao desejo egoísta ou ambição mundana». (*Educação*).

Oiçamos Renan: «A educação é o respeito do que é realmente bom, grande e belo; é a delicadeza, virtude encantadora, que domina tantas virtudes...

A criança e o homem novo poderão aprender esta pureza, esta delicadeza de consciência, base de uma sólida moralidade...

Onde? Nos livros, nas lições atentamente escutadas, nos textos aprendidos de cor? De maneira alguma. Estas coisas aprendem-se na atmosfera em que se vive, no meio social em que se está colocado...» (*La Réforme intellectuelle et morale*).

O trabalho de preparar homens educados presentemente, em meio do caos mundial, é um dos maiores, porque necessitamos voltar aos caminhos de Deus. Os jovens necessitam dos princípios divinos para que se tornem homens e mulheres tementes a Deus e cheios de fé.

A tarefa é grandiosa, pois os jovens

vivem em contacto com o vício e a impureza. A maior parte dos pais negligenciam a educação no lar, e pensam que entregando o seu filho à responsabilidade do professor durante os dias lectivos já não têm mais nenhuma obrigação. É um erro. Os pais têm durante a vida escolar da criança uma parte específica na sua educação.

Mário Gonçalves Viana escreve: «Convém, não atribuir à educação escolar uma importância exagerada. Segundo cálculos fáceis de elaborar, uma criança escolar não está sob a influência directa do professor mais de 1.150 horas, durante dez meses do ano lectivo. Ora o ano tem normalmente, 365 dias, ou sejam 8.760 horas. Segue-se daí que a criança passa a maior parte do tempo, ou sejam 7.610 horas fora da Escola, ou pelo menos fora da acção directa do professor.

Onde está ela durante esse tempo? Descontadas 2.920 horas para dormir, ainda restam 4.690 horas, que a criança passa em casa, na rua, nos cinemas, etc., sujeita às mais diversas influências e sugestões». (*Pedagogia geral*).

Esperamos confiantes em Deus que pouco a pouco se dispersem as dificuldades e que os alunos da nossa Escola possam aprender a verdadeira educação que é transmitida por Aquele com quem estão a «sabedoria e a força» (Job 12:13) e de cuja boca «vem o conhecimento e o entendimento» (Prov. 2:6).

Restauremos no coração dos jovens a imagem e o amor de Deus para que em breve seja terminada a Sua obra.

José Augusto

TESTEMUNHO EM FAVOR DA OBRA ADVENTISTA EM ANGOLA

O Sr. Sérgio J. Príncipe, de Teixeira de Sousa, Angola, escreveu um interessante artigo, que nos enviou, e do qual extraímos o seguinte trecho:

«Se cotejarmos a obra missionária realizada em Angola nos últimos cinquenta anos, encontraremos uma diferença notável entre as duas organizações religiosas: protestante e católica.

«Enquanto a primeira derrama a luz da Bíblia, imprimindo-lhe uma claridade intensa no sentido de que os cérebros das raças atrasadas possam compreender qual deve ser o caminho a percorrer para atingirem um grau mais elevado de educação que lhes permita o contacto com as raças civilizadas, a segunda perde-se num ensino religioso arcaico, que o preto aceita sem compreender. O trabalho espiritual do seu cérebro foi e continua a ser profundamente mecanizado. No que toca a assistência médica e hospitalar a pobreza é impressionante.

«Assim, depois de conhecermos em pormenor a eficiência missionária católica,

trasladamo-nos para o estudo da protestante, nomeadamente a adventista.

«Nas instalações católicas notamos a ausência de hospitais devidamente apetrechados, para o internamento de pretos; nas protestantes encontramos hospitais dignos de admiração, providos de salas para operações, ainda as mais complicadas e exigentes, laboratórios, instalações para a recolha de crianças órfãs, escola de enfermagem e uma assistência médica proficiente, na qual o carinho e a bondade ilumina a acção de dois médicos que toda a Angola conhece através da sua competência e carinho: Drs. Walter Karl Strangway e Roy B. Parsons.

«A obra de caridade e amor destes dois médicos, sem esquecer outros que também enobrecem, constitui, quanto a nós, o melhor documento do modo como se educa o preto e da maneira como estes homens, não sendo portugueses pelo nascimento, o sabem ser pela sua conduta, e em tão elevado grau como a dos portugueses castiços de antanho.»

UM TESTEMUNHO REAL

Quando pelo nosso irmão Fernando Mendes, mui digno chefe dos Colportores, e na linda Ilha de S. Miguel, fui iniciado no serviço da corportagem, não poucas dificuldades, dúvidas e receios me circundaram.

De início, dado à falta de prática, o que é peculiar a cada colportor que começa, encontrei alguns espinhos; mas muitas orações foram dirigidas ao Senhor pedindo auxílio; aliadas às minhas, subiram aos céus também, as dos meus queridos irmãos da pequenina, mas risonha Igreja aonde nasci, que é a de Angra do Heroísmo; e o Senhor ouviu-nos, e logo comecei a encontrar muitas rosas. Estas mais se avolumaram, quando a digna direcção da União Portuguesa, num gesto nobre e carinhoso, se dignou enviar ao local aonde eu estava trabalhando, o nosso chefe, no sentido de mais me auxiliar, mostrando assim que não estava esquecido, e não se poupando a esforços e despesas, o que contribuiu grandemente para que os meus olhos mais se abrissem.

Dado ao proficiente desembaraço do então meu companheiro pôde assim registrar-se um belo trabalho.

Lembrei-me nessa ocasião de certo livrinho e só no pensamento reli-o; e pude então ver que o autor andava sempre de óculos pretos, e assim via sempre tudo escuro; para responder a outros pontos direi apenas que quando queremos trabalhar (trabalho este sempre ligado pela oração do Senhor) encontramos sempre rosas; por vezes até daquelas sem espinhos.

E que direi do carinho e amor dos dirigentes por onde tenho passado? E que belas experiências tenho tido? Que bons bocadinhos tenho usufruído.

É uma alegria trabalhar para o Senhor. Jamais poderei esquecer os quatro dias que passei em Portalegre; pareceram-me quatro horas; ali reina a paz e a alegria.

Não poderei olvidar os belos conselhos do nosso querido irmão Charpiot; tenho bem presente a mansidão do distinto professor, irmão Raposo; a hora social, etc!

Seria preciso muito papel para descrever o gozo que me vai no coração por pertencer a esta tão sublime e nobre causa; de trabalhar na seara do Senhor.

Não deixarei, se mo permitirem, de escrever de quando em quando, algumas linhas para a «Revista Adventista», expressando a verdade, nua e crua, e assim animar a quantos a lerem, a com todo o fervor trabalharem na pesca de almas, e dissuadindo a todos aqueles que se deixaram levar por leituras menos dignas, como a do supracitado opúsculo, causando o descrédito nos dirigentes da obra, e assim, o desânimo nos mais fracos irmãos na fé.

Sirvam estas palavras somente para engrandecer e louvar o Santo Nome do Senhor pelo qual sinto imenso prazer trabalhar. Amen.

Lisboa, 10-6-1952.

Adelino Nunes Diogo
Colportor Adventista

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA RELATÓRIO DE VENDAS DE MAIO DE 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Júlia Sanches	139	3.000\$00	470\$00	3.470\$00
José dos Santos	62	3.270\$00		3.270\$00
Adelino N. Diogo	174	1.590\$00	1.120\$00	2.710\$00
Clemente Almeida Sales	47	2.450\$00		2.450\$00
Idalina Ferreira	73		2.050\$00	2.050\$00
João António	137	1.800\$00	80\$00	1.880\$00
Júlia Costa	85		1.430\$00	1.430\$00
Maria L. Saboga	114		1.545\$00	1.545\$00
Diversos	120	800\$00	410\$00	1.210\$00
Isaias da Silva	84	1.140\$00		1.140\$00
João J. Nobre	134	910\$00	125\$00	1.035\$00
Flora Saramago	153		910\$00	910\$00
	1.322	14.960\$00	8.140\$00	23.100\$00

Fernando Mendes

NOTÍCIAS DO CAMPO

J. C. Thompson — De 5 a 9 de Junho esteve entre nós o Ir. J. C. Thompson, cujas actividades se orientam particularmente no sentido da formação espiritual dos nossos jovens em idade militar. Major do exército americano durante a última guerra, e conhecendo por experiência os problemas relacionados com a vida militar, tem procurado levar os nossos jovens a procederem como o faria Jesus se vivesse em nossos dias. No Sábado, 7, falou em Lisboa, quer à igreja quer aos Missionários Voluntários.

Pastor Manuel de Castro — Acompanhado por sua Esposa e Filhos, embarcou para o Brasil, no dia 7, o Pastor Manuel de Castro que, como noticiámos no número anterior, tem trabalhado em Angola e se encontra em férias.

Pastor A. Dias Gomes — Mais uma vez tivemos o prazer da visita do Pastor A. Dias Gomes, que chegou no dia 9 e partiu a 20 de Junho para Angola e Moçambique. No Sábado, 14, dirigiu a palavra à igreja de Lisboa. Desejamos-lhe muitas bênçãos na sua demorada viagem e um feliz regresso.

Mudanças de Obreiros — Em Junho efectuaram-se as seguintes mudanças de obreiros: no dia 12, José Abella, para Tomar; no dia 20, Raúl Meneses, para Canelas, e Manuel Lobato, para Nisa. A estes irmãos desejamos igualmente grandes bênçãos nos seus novos campos de trabalho.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa — Mais um grande dia para a igreja de Lisboa! O Sábado 7 do corrente mês de Junho, não foi só «um grande dia» para a igreja de Lisboa. Foi o maior Sábado na história da nossa Congregação: Trinta e três preciosas almas se uniram, nesse dia, à Igreja, pelo baptismo! O tempo estava delicioso, convidando a um passeio bem merecido para quantos passaram essa manhã na Escola Sabatina e no culto solene, mas os Irmãos não arredaram pé da casa de Deus e desta forma, nesta bela tarde de Sábado, tendo no nosso meio muitas visitas, estando o templo repleto, incluindo as galerias, com a assistência que respeitosa e comovidamente contemplava a cena da descida às águas baptismas de quarenta neófitos, pois que a Igreja do Barreiro nos quis dar o prazer, aproveitando tal ocasião, de nos apresentar sete candidatos.

Deu-nos o prazer da sua presença nesta memorável cerimónia o Irmão Dr. Thompson, da Conferência Geral, que estando de passagem em Lisboa nos dirigiu a palavra nessa manhã, no culto solene.

Tivemos nesse dia muita pena de não termos connosco o nosso amável Presidente da União — Pastor Ernesto Ferreira — que estava em viagem às missões. Estamos certos que se estivesse connosco nesse dia seria participante da nossa muita alegria. Foi o Secretário-Tesoureiro do nosso campo, Pastor Pedro Ribeiro, quem nos prestou valiosa colaboração nesta tarde, falando à assembleia enquanto nos preparávamos para ministrar o baptismo.

Esta é a segunda cerimónia baptismal da nossa Congregação neste ano. No Sábado 23 de Fevereiro, foi a primeira sessão baptismal, havendo nesse dia 24 baptismos. Com 33 deste dia, já a igreja de Lisboa conta no seu activo com 57 baptismos no primeiro semestre deste ano. Quantos mais nos dará o Senhor no segundo semestre?... Só duas entidades poderão contribuir para a resposta: Deus que está verdadeiramente conduzindo o Seu povo e com o Seu Santo Espírito guiando um grande número de novos investigadores da Verdade, e os prezados membros da igreja que tão favoravelmente estão respondendo aos apelos do Espírito de Deus chamando almas.

O espírito missionário e de consagração que presentemente reina no coração dos membros da nossa Congregação leva os nossos pensamentos para os dias atribulados de Neemias em que no meio das dificuldades que os inimigos do povo de Deus procuravam criar para que não avançasse a Obra de Deus é dito que «o coração do povo se inclinava a trabalhar» (Neem. 4:6). Cheio de inveja e ódio porque a Obra avançava, Sanbalate e os seus associados no mal esbarravam com a atitude nobre do povo de Deus e com a firmeza do Seu servo que lhes respondia: «Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer» (Neem. 6:3). É assim mesmo, prezados Irmãos da Igreja de Lisboa: Estamos realizando uma «grande obra» para Deus, temos diante de nós imensas possibilidades na conquista de novos troféus para o nosso Salvador; que nenhum Sanbalate nos desvie do nosso intento.

Está organizada nova classe baptismal e todos estamos trabalhando e orando por novas conquistas para honra e glória de Deus e para felicidade eterna de novas almas.

M. Leal

Tomar — É natural que muitos Irmãos já tenham dito lá para consigo: «Mas a Igreja de Tomar já não existe? Há tanto tempo que não damos por suas notícias?»

Pois bem, para acalmar tal estado de espírito, somos a dizer que o trabalho, apesar das muitas dificuldades, vai bem.

Não temos receio de ficar qualquer alvo para trás. Isto, porque os mais difíceis já estão alcançados, graças a Deus.

Apenas, em quatro semanas foi ultrapassado o nosso «Goliath», a saber, a Campanha das Missões. Isto devido ao esforço titânico da nossa juventude (mormente de duas jovens que foram as heroínas desta batalha). Aqui deixo bem patente os meus mais sinceros agradecimentos.

Tivemos a tristeza de levar à sua última morada a Esposa de nosso fiel e dedicado Irmão Luís Gomes. Que Deus abençoe este Irmão, bem como sua querida filhinha.

No dia 8 de Junho teve lugar em nossa sala de Culto, mais uma pequenina festa dedicada às Mães. Foi um bom serão. E sobretudo, porque as «Dorcas» presentearam com tecidos uns 50 seus protegidos.

Mas a Festa das Festas teve lugar no dia 14 de Junho data em que, com a presença do Pastor Pedro Ribeiro, vimos baixar às águas baptismas, NOVE preciosas almas por quem o Senhor Jesus

morreu. (E mais uma aceite por voto, devido a doença).

Não podemos esquecer esse momento tão solene. E após este acto e por apelo do Irmão Ribeiro, mais sete almas deram os seus nomes para serem unidas à Igreja pelo baptismo.

E mais almas há que desejam a sua adesão ao nosso Movimento. Pelo menos temos ali 5 ou 6 que guardam o sábado e não estavam connosco aqui em Tomar, no dia dos Baptismos. Senão, levantar-se-iam, tenho disso a certeza, para pedir o seu baptismo.

Sendo assim, não custa a crer que o nosso prezado Irmão Abella, meu substituto, tenha dentro de dois ou três meses a dita de baptizar mais seis ou sete almas. Que Deus abençoe e proteja estas almas, são os nossos votos.

Queremos agradecer a todos quantos nos distinguiram com a sua amizade desinteressada, durante o tempo que fomos o Obreiro local.

E creiam-nos sempre ao seu inteiro dispor, onde quer que estejamos.

Vosso em Cristo,

Samuel Reis

Barreiro — No passado dia 1 de Junho do corrente ano, a Igreja do Barreiro, festejou a sua festa «dedicada às Mães».

Grande número das nossas jovens e crianças, prestou a sua valiosa colaboração, deliciando-nos com os seus cânticos, suas poesias e diálogos.

As crianças, ensinadas pela sua professora, apresentaram um cântico, enquanto faziam demonstrações sobre o «Fonógrafo».

À nossa sala um pouco engalanada, dirigiram-se mais de 150 pessoas e outras tantas haveria, se houvesse lugar onde as acomodar. Os cavaleiros tiveram que ficar de pé, para que todas as senhoras e mães presentes se pudessem sentar.

A festa decorreu num ambiente animado e viasse a satisfação em todos os presentes, pela maneira como a festa decorria. As duas horas de reunião, foram passadas sem cansaço ou aborrecimento, mas antes com manifesta alegria.

Foi oferecida às mães e aos nossos jovens colaboradores, uma recordação em «folha de hera», com a seguinte legenda: «Recordação da Festa dedicada às Mães, organizada na Igreja Adventista do Barreiro, a 1-6-1952».

A esta singela lembrança, há ainda a acrescentar dois ramos de flores, oferecidos à mãe mais idosa, e à mãe mais nova.

* * *

Quanto à «Campanha das Missões», pela graça de Deus e com a ajuda de algumas voluntárias irmãs e jovens, o nosso Alvo está praticamente alcançado. Não foi difícil alcançá-lo, visto as nossas ajudantes terem colocado, neste trabalho, o máximo da sua boa vontade e zelo missionário.

Estamos certos de que, com estes donativos angariados, muitas almas serão curadas, não só da sua doença física como espiritual.

* * *

No pretérito sábado dia 7 de Junho de 1952, tivemos mais uma vez, no Templo de Lisboa, uma cerimónia baptismal. A juntar às 33 almas da Igreja da capital, 7 irmãs do Barreiro selaram um pacto com o Senhor através do baptismo.

São daqui mais sete almas que foram arrancadas das trevas, para a maravilhosa luz do Evangelho.

Por isso a humilde igreja do Barreiro associa-se, no seu contentamento espiritual, à Igreja da capital, por mais esta tão brilhante vitória, sobre o «príncipe das potestades do ar».

Nunca as palavras escritas no capítulo 2 dos Actos, versículo 47, última parte, tiveram tanto realce como nos nossos dias: (...e todos os dias acrescentava o Senhor à Igreja aqueles que se haviam de salvar.)»

Estas palavras inspiradas colocam-nos em frente de nossa responsabilidade. Este é o nosso trabalho «juntar à Igreja aqueles que desejam a salvação». É este o nosso objectivo principal e por isso não estamos ociosos, antes pelo contrário, redobramos de esforços, para que o trabalho que de nós é requerido se complete enquanto é dia.

Entre os baptizados, contavam-se três jovens irmãs, que baptizem por assim dizer as primícias adventistas no Seixal, embora ali não tenhamos um trabalho organizado. Por isso é nosso desejo que dentro de algum tempo ali tenhamos uma sala para reuniões, dando assim realização à nossa aspiração, para que assim a nossa fé e esperança sejam partilhadas por outros.

Manuel Laranjeira

Setúbal — No dia 23 de Maio, tivemos o elevado privilégio da visita dos Irmãos Dunn (da C. Geral) e E. Ferreira. Aquele Irmão dirigiu-nos uma bela mensagem de encorajamento. Apesar da reunião haver sido anunciada com antecedência para o dia 24, e ser transferida quase à última da hora para o dia 23, nem por isso a sala deixou de estar repleta, graças a Deus.

A festa das Mães, realizada na nossa Igreja, no dia 1 de Junho, revestiu-se de uma certa imponência. A sala reorgitava de povo. Receávamos que desabasse... Com tristeza, nos contaram que muitas pessoas se foram embora, por não lhes ter sido possível entrar. No final, foram distribuídas lembranças para as mães presentes e outras para a juventude. Era meia-noite quando o povo começou a abandonar a sala.

A Igreja de Setúbal necessita, com efeito, de um edifício maior. A presente sala, além de velha e pequena, tem pouca ventilação. Frigorífico, no Inverno, torna-se em forno, no Verão. Estamos satisfeitos por a União Portuguesa decidir que o Fundo de Construções deste ano se destine à construção de uma capela em Setúbal. Agradecemos à União Portuguesa esta feliz decisão e a todos vós o vosso auxílio. Não quereis ajudar-nos neste ponto?

Juvenal Gomes

Canelas — Ao enviar para as páginas da nossa Revista uma ligeira descrição da Festa das Mães, realizada na nossa capela, sou apenas movido pela certeza de que, por este intercâmbio de notícias, mais se ajustam os laços de amor fraternal que nos unem e que são, afinal, uma das principais características do Povo Adventista. Certamente que, do mesmo modo que os nossos corações vibram de alegria ao lermos as boas novas dos vossos campos, assim ficareis também jubilosos ao terdes conhecimento de como o Senhor nos está abençoando.

Com efeito, a tarde de domingo, 15 de Junho, foi para nós uma tarde feliz. Com ela encerramos o programa festivo em honra das mães, iniciado em Avintes, no domingo anterior. A convite do prezado irmão evangelista Filipe Esperancinha,

ali fomos, a juventude e alguns dos irmãos de Canelas, onde passámos momentos venturosos e onde prestámos também a nossa deficiente mas pronta colaboração. Estou certo de que sempre recordaremos com saudade essa tarde festiva, pela comunhão com os bons irmãos e amigos de Avintes, bem como pelo aprazível passeio campestre que realizámos.

Em retribuição e a nosso convite, deslocaram-se a Canelas, no domingo seguinte, a juventude, irmãos e simpatizantes da Igreja de Avintes, acompanhados pelo prezado evangelista e sua esposa. Assim, consoante declaramos, terminámos o programa da Festa das Mães realizada por estas duas Igrejas irmãs.

Foi, na verdade, uma tarde feliz. Uma tarde de alegria e de emoção. Praza a Deus que as horas então passadas no Templo do Senhor, tenham deixado em todos os corações presentes uma boa impressão espiritual, um desejo de maior consagração à Verdade. Que em cada poesia recitada, em cada diálogo apresentado, em cada coro entoado, em tudo, enfim, tenha brilhado a luz do céu!... Que, de um modo particular, todas as mães presentes, tenham compreendido e sentido bem o significado desta festa!

No nosso programa estava incluído um número especial dedicado à partida do obreiro local que, por chamado divino, vai continuar o seu trabalho de evangelização em terras de além-mar. O prezado irmão Esperancinha agradeceu, em breves palavras, o nosso adeus, afirmando sentir-se alegre, não somente por tudo quanto havia visto e ouvido, mas especialmente pelo espírito de verdadeiro amor fraternal que, esta tarde, ligou as duas igrejas irmãs, de Canelas e Avintes. Leu, a propósito, o primeiro versículo do Salmo 133. Que o nosso prezado irmão e sua querida esposa possam ver nos cânticos dedicados, na poesia e no ramo de flores oferecidos e, enfim, no nosso adeus, uma singela, mas sincera demonstração da simpatia e amor que nos souberam merecer... Que o Senhor os guarde e abençoe ricamente no seu trabalho em benefício dos pecadores!

Foi também emocionante o momento em que as mães de todos os nossos jovens foram convidadas a subir ao estrado, para abraçarem seus filhos, após terem recebido das suas mãos lindos ramos de flores, como testemunho profundo de reconhecida gratidão por tanto e tão abnegado amor!...

Ao finalizar estas linhas desejo ainda agradecer muito sinceramente a boa vontade de todos quantos, de algum modo, contribuíram para a realização da nossa festa: Aos jovens de Avintes, pela sua prontidão e brilhante colaboração; aos M. V. de Canelas, pelo amor com que desempenharam os seus papéis; e, finalmente, a todos os irmãos, amigos e simpatizantes que, de perto e de longe, vieram acalorar com a sua desejada presença, a nossa simples mas significativa Festa em honra das Mães. Para todos um abraço de reconhecida gratidão.

Correia Leite

MISSÃO DE CABO VERDE

Praia — Falta-nos pouco mais de 20 dias para deixarmos esta terra a caminho de novo campo de trabalho. Chegada pois a ORA DI BAI no dialecto crioulo, desejamos ainda dar algumas notícias acerca das últimas vitórias no nosso trabalho.

A principal notícia é a realização de 3 baptis-

mos, todos de jovens, dos cinco que estavam previstos, e que não foi possível realizar totalmente. Esta é a principal vitória, destes meses de trabalho, que Deus desejou coroar, com estas três almas ganhas.

Este ano a nossa escola apresentará oito alunos a exame, e veremos o que conseguirão fazer. Alguns ainda conseguiram aproveitamento nas passagens de classe.

Continuávamos realizando sessões de trabalho para as meninas, especialmente rendas, etc.

O nosso trabalho para o interior continua a estender-se e numa povoação, a mais insalubre desta ilha, onde existem algumas lagoas, que são autênticos viveiros de mosquitos, temos alguns amigos, que no futuro poderão constituir o primeiro grupo. Entre eles figura uma senhora, natural da ilha Brava, que guarda o sábado há muitos anos, e que se encontra naquela povoação há onze anos. Foi através do testemunho de suas vizinhas que um nosso amigo soube que ela não fazia o mais pequeno trabalho ao sábado. Chegámos à fala com ela e soubemos que teve conhecimento da verdade do sábado, por intermédio de algum bravense residente da América, que veio aqui de passagem. O nome que nos indicou não é conhecido, mas o que nos interessa especialmente é o caminho que no futuro está reservado à obra adventista no interior da ilha de Santiago. Através de muitos meios Deus se utiliza para difundir a Sua vontade.

Outras povoações da ilha esperam que possamos lá chegar e assim avançar cada vez mais.

Nos arredores da cidade, estamos também fazendo reuniões em casas conhecidas, tendo-nos feito acompanhar com uma pequena mala-ambulância, com que minha mulher faz algum trabalho médico, a todos os que aparecem. Temos assim feito pequenos tratamentos, que têm despertado ainda maior número de assistentes.

Estamos, pois, perante grandes eventos na obra missionária, nesta ilha, e oramos para que Deus dê saúde e direcção àquele que me suceder, e que nos continui a abençoar no novo campo de trabalho que nos destinou.

J. Morgado

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso \$50
Assinatura anual \$500

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA